

FACULDADE CAL DE ARTES CÊNICAS
E A TURMA BT45

apresentam

CAL



A GREVE
DO SEYO

DE ARISTÓFANES
DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO
MARCUS ALVISI

LISISTRATA

01 A 05/JUL . SEG A SEX . 13H SESSÃO EXTRA
SEXTA 10H

SALA G2 . UNIDADE CAL GLÓRIA . RUA SANTO AMARO 44 . ENTRADA FRANCA

BT

PRÁTICA DE MONTAGEM DA TURMA BT45
ALUNOS DO 4º PERÍODO DO BACHARELADO EM TEATRO 2024.1

realização

CAL
CASA
DAS ARTES
DE LARANJEIRAS

“

NUNCA SE ESQUEÇA
QUE BASTA UMA CRISE
POLÍTICA, ECONÔMICA OU
RELIGIOSA PARA QUE OS
DIREITOS DAS MULHERES
SEJAM QUESTIONADOS.
ESSES DIREITOS NÃO SÃO
PERMANENTES. VOCÊ TERÁ
QUE SE MANTER VIGILANTE
DURANTE TODA A SUA VIDA”.

SIMONE DE BEAUVOIR

@HOUSEOFBT45

Alunos do 4º período do
Bacharelado em Teatro 2024.1



Ale Negão



**Amanda
McConkey**



Ana Flores



Bettina Loretti



Bruno Mendes



Dudu Kossatz



**Ennio
Romaguera
Louro**



Felipe Marques



**Gabrielly
Vitória**



**Guilherme
Chaffin**



Helena Guaritá



Lucas Favorito



Lucas Porto



**Maria
Antonieta**



**Mariana
Marins**



Marina Rego



Rafael Freitas



Talita Maria



Thiago Liberato



**Valentina
Schmidt**

01

ELENCOS

02

Marina Rego

LISÍSTRATA

Mariana Marins

Gabrielly Vitória

CLEONICE

Helena Guaritá

Talita Maria

MIRRINA

Talita Maria

Bettina Loretti

LAMPITO

Maria Antonieta

Ana Flores

CORIFÉIA

Ana Flores

Rafael Freitas

COMISSÁRIO

Rafael Freitas

Ale Negão

CORIFEU

Ale Negão

Lucas Favorito

CINÉSIAS

Guilherme Chaffin

Lucas Porto

O PAJÉ

Bruno Mendes

Valentina Schmidt

ELIXIR

Valentina Schmidt

Bruno Mendes

ARAUTO

Bruno Mendes

Felipe Marques

MAGISTRADO

Felipe Marques

Dudu Kossatz

HERMES

Dudu Kossatz

Ale Negão

AQUILES

Ale Negão

Guilherme Chaffin

ARES

Lucas Favorito

01

02

01

02

01

02

SEG

TER

QUA

QUI

SEX

SEX

13H

13H

13H

13H

10H

13H



palavras do diretor

MARCUS ALVIST

Lisístrata - A Greve do Sexo, de Aristófanes, escrita em 411 A.C., é uma comédia dentro da tragédia. Comédia, nas relações das mulheres com os homens. Tragédia, nas relações dos homens com as mulheres. Diferença crucial, uma inversão no movimento de rotação da terra, dessa terra chamada Grécia. É de uma forma quando os homens estão no comando das ações; de outra quando as mulheres tomam a iniciativa. Distinção posta com clareza em *Lisístrata* através de seus episódios.

O tema focado nessa obra é o movimento de senhoras e senhoritas da Grécia Antiga para terminar com a guerra. As mulheres desejam com volúpia a paz para trazer seus cônjuges de volta para casa. Os homens insistem ardentemente na continuidade do conflito e na matança de concidadãos, usando o fogo como ameaça para silenciarem as mulheres. Sob o comando de *Lisístrata*, elas retrucam com a água para afogar o apetite de matar. Que posição vai prevalecer?

A simbologia entre fogo e água também caracteriza um ponto de tensão nessa comédia pacifista - mesmo que de pacífica sobre pouca coisa. A água, que penetra nas arestas mais finas, dentro e fora de todos nós, deve eclipsar o fogo? Apagar o desejo de matar seres humanos por outros seres humanos? Ou, pelo menos,

substituir o anseio de matar pela vontade sexual? Esses questionamentos extremamente ordenados são da personagem **Lisístrata**, que, como estratégia de luta, programa uma greve do sexo. Nenhum contato enquanto não cessar a guerra!

Esta é a ação básica na urdidura da trama genialmente elaborada de uma comédia que parece ter sido escrita hoje à tarde. Tanto por sua temática quanto, e sobretudo, pelo modo como o autor desenvolve o tema. Quando a mulher se dá conta de sua condição no mundo não há como deixar de se revoltar. **Lisístrata** percebeu e foi à luta. Uma das falas da *Corifeia* (a principal figura nos coros de tragédias e comédias gregas) impressiona pela atualidade e contundência:

“Por tudo isto, vim aqui trazer a Atenas o meu melhor conselho. Não é um crime ter nascido mulher, e minhas palavras devem ser seguidas se puderem curar os nossos infortúnios. A minha contribuição ao Estado eu a dou em filhos, que alimento e crio, mas vocês, assassinos miseráveis, não contribuem com coisa alguma para a comunidade. Pelo contrário, gastam todo o tesouro que nossos antepassados conquistaram com suor e prudência. E como compensação, continuam a arriscar a vida de todos os cidadãos e a segurança do Estado com guerras insensatas. Têm como defesa uma palavra que seja?”

Lisístrata não está lutando por pouco. O enredo remete às circunstâncias de um fato histórico, em 415 A.C. Uma

guerra que, em caso de vitória, facilitaria a Atenas o acesso ao outro lado do Mediterrâneo. No entanto, e para o bem da democracia, a derrota foi vergonhosa. A oligar-quia ateniense do período estava mergulhada em múltiplos complôs e manobras políticas desestabilizando a organização da cidade-estado.

De pacífico sobra pouca coisa. Ódio e aversão às mulheres estão presentes de maneira desconcertante nos homens assombrosamente misóginos, sexistas e machistas. Personagens que saíram da *Caverna de Platão*, mas parecem ter carregado suas sombras nas relações com aquelas que seriam suas companheiras. Sombras, penumbras que permanecem no século XXI. Recentemente, um jogador de futebol, disse à Luana Piovani tudo, *ipsis litteris*, que os homens falam às mulheres em um texto criado quatro séculos antes de Cristo. Também não podemos esquecer de outro polêmico tema das últimas semanas: a PL do estuprador. Tratar as mulheres, às vezes crianças, como assassinas é, no mínimo, perverso. E quem propôs essa lei ainda tem a sordidez de dizer que está protegendo a vida. Mas, quem de fato será punido? O homem ou a mulher?

Os gregos nos ofereceram tudo para uma civilização plural. A filosofia, a arte, a arquitetura, a política e um teatro assombroso. Este moldou, grosso modo, todo o teatro desde então e se mantém mais de dois mil anos depois. Nada é tão impactante em termos de dramaturgia como um assassino que investiga o próprio assassinato, em *Édipo Rei*, de *Sófocles*. Do mesmo modo, a imagem

de *Medeia*, de *Eurípedes*, rompendo o espaço no carro do sol como um deus ex-machina aguça sobremodo nossa imaginação.

Até o século XVIII as entradas e saídas dos atores em cena eram grandes eventos. No entanto, a psicologia tem sufocado o teatro sobremaneira, pois minimizou a dimensão teatral no que ela tinha de mais espetacular. Tivemos ganhos, como o realismo, o impressionismo, o expressionismo e até o naturalismo - mas o original, enunciado de forma precisa por *André Antoine*, que esteve no Rio de Janeiro ministrando palestras, resultando no livro: *Conversas Sobre A Encenação*, que faz uma explanação e defesa obstinada do naturalismo. Não esse arremedo na qual atores murmuram em cena, sem que consigamos entender o que querem exatamente dizer.

Aquele teatro sob a abóboda celeste, que conversávamos com os deuses, parece diluído. O teatro que vociferávamos. Em que as palavras soavam como meteoros incendiando o espaço. Urge retornar à teatralidade através do significado das palavras, tendo como molde o legado grego. O teatro hoje está tão fragmentado quanto a vida, despedaçado. O AI DE MIM, quando soltávamos a voz com os deuses, não pode ser esquecido. Toda a revolução dos encenadores, na passagem do século XIX para o XX, dando novo significado aos clássicos, tirando suas poeiras, dessacralizando-os, ainda não terminou. Mais do que nunca é preciso retornar aos gregos e berrar de maneira tonitruante. Como *Prometeu*, que roubou o fogo do conhecimento para trazê-lo aos homens, e assim

provocou a ira de *Zeus*, ao mesmo tempo que transformou violentamente a vida na terra. Na verdade, todos os gregos são *Prometeus* para a civilização vindoura. Intrépidos, apesar de ainda crentes, assemelham-se a crianças endiabradas, extasiados com a própria condição e a crescente ameaça de liberdade que se anuncia com a chegada da filosofia, da poesia, da literatura, da história, da democracia e do teatro.

Em *A Origem da Tragédia*, Nietzsche escreve: ***“Foram os Gregos que tornaram inteligível ao pensador o sentido oculto e profundo de concepção artística, não por meio de noções abstratas, mas com auxílio das figuras altamente significativas do mundo de seus Deuses”***.

Autores de seus corpos, de sua estrutura social, de uma nova forma de pensamento, os gregos saboreiam o nascimento do homem como o concebemos hoje e lançam as bases do humanismo que irá marcar a civilização ocidental. Observar esse momento da história, e, sobretudo, este momento da arte é ter o privilégio de ver conciliada toda a liberdade de criação ainda com as questões e os temores mais fundamentais dos povos primitivos. Um momento em que a ciência ainda se confunde com a filosofia, a filosofia com a história, o teatro com a política, os homens com os deuses, E nesse convívio, o homem, em cada pequeno ato, se pergunta sobre a sua dimensão. E é sobretudo na arte que esse homem recém abortado dos deuses revela essa rica contradição e talvez advenha daí toda a força de seu teatro.

Enquanto *Antonin Artaud*, em seu ensaio sobre *Van Gogh*, diz que “**para compreender um girassol da natureza é preciso voltar a Van Gogh**”. Talvez possamos dizer que para compreendermos a própria natureza humana, o próprio universo, é preciso voltar ao perturbador e aparentemente plácido turbilhão grego.

Aristófanes tornou-se nosso contemporâneo durante o processo de ensaio de *Lisístrata*! Em livro definitivo sobre as tragédias de *Shakespeare*, no capítulo sobre *Hamlet*, *Jan Kott* pergunta: quem é o nosso Hamlet hoje? Questionamento que retomo com a comédia de Aristófanes: quem é a nossa *Lisístrata* hoje? Todas as mulheres do mundo que ousam enfrentar os implacáveis poderes dos homens, aquelas que nos oferecem **amor versus morte**.

Lisístrata têm anseios como todas as mulheres ao seu entorno. Seu tesão não é nem um pouco tímido. Mas, a disposição ao sacrifício é maior do que o desejo. E ainda irá convencer suas pares a não ceder à sedução, lutando bravamente para levar seu propósito até o fim. Guerreiras sem armas, ou melhor, usando de seus corpos vulneráveis para bloquear o tesouro da cidade, com poucos baldes de água, irão apagar o fogo dos homens, em todos os sentidos. E ainda como estrategistas sofisticadas, irão fechar as pernas, mantendo-se imóveis quando eles tentarem penetrar suas vulvas úmidas de desejo. Vão seduzi-los, mas não irão ceder aos impulsos de homens eretos e sedentos. A solidão de *Lisístrata* só é comparável à do *Príncipe Hamlet*.

“Eu sou grega, mas não às leis da Grécia. Se me colocasse no lado escuro da lua, eu não estaria tão isolada”, diz às companheiras em momento de fragilidade em sua luta. Personagem, pensamento e situações que, infelizmente, continuam tão atuais como sempre.

Agradeço ao Marco Aureo, que tem me acompanhado em algumas montagens na CAL. Lara Arantes e Laís Serra que vieram nos ajudar na feitura do espetáculo e Rollo pela ajuda inestimável nos últimos dias. A turma BT45 por ter topado essa viagem à Grécia de Aristófanes, através de um texto que inaugura um gênero de teatro. Sairemos melhores e transformados pelas palavras de um autor que é a grande referência para um estilo de teatro tão provocador. Além de nos fazer rir, nos faz perguntar: qual nosso papel nesta sociedade adoecida? É um privilégio mergulhar nas palavras, nas ideias e nas ações de ***Lisístrata***, proporcionando essa aventura a todos os envolvidos em uma obra que é o próprio nascimento da comédia.



FICHA TÉCNICA

AUTOR Aristófanés

TRADUÇÃO Millôr Fernandes e
Mário da Gama Cury

DIREÇÃO E ADAPTAÇÃO Marcus Alvisi

ASSISTENTE DE DIREÇÃO Marco Áureo

COREOGRAFIA Soraya Bastos

TRILHA SONORA Marcus Alvisi e BT 45

SONOPLASTIA Lara Arantes

EQUIPE FIGURINO Laís Serra, Lara Arantes
e Rafael Freitas

PROJETO GRÁFICO Guilherme Chaffin e Rita Ariani

EQUIPE PROGRAMAÇÃO VISUAL Guilherme Chaffin, Helena Guaritá
e Amanda McConkey

FOTOS DO ELENCO Dudu Kossatz e Bettina Loretta

EQUIPE MÍDIAS SOCIAIS Dudu Kossatz, Ennio Romaguera
Louro e Mariana Marins

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Sônia Machado

realização

CAL CASA
DAS ARTES
DE LARANJEIRAS